



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Intervenções na visita à Freguesia de Real

O Presidente da AM declarou aberta a sessão às 14.40h, no Largo da Feira de Nojões e esclareceu que havia uma ligeira alteração da Ordem de trabalhos. Pelos motivos por todos já conheciam, adiava-se o jantar das 19h para as 20h e que o primeiro ponto da agenda iria ser suspenso pelas 18.30h com a deslocação ao cemitério para honrar o papel cívico de dois grandes vultos da Freguesia e autarcas: Joaquim Quintas e Joaquim Gomes de Castro. Continuar-se-ia com os pontos da Agenda no Largo do Adro até à hora do jantar, das 20h às 21.30h, e depois continuavam os trabalhos até ao final. Informou que a sessão seria ambulante, com paragem em alguns sítios para se ouvir, constatar e perceber do que era real. O território da freguesia era uma área que tinha pessoas, problemas, equipamentos e a AM ia ao terreno para ouvir os de Real e que qualquer um dos presentes poderia colocar questões e chamar a atenção para alguns factos. A reunião foi preparada e só podia ser realizada com a parceria estreita e com a colaboração da Junta de Freguesia (JF) e Assembleia de Freguesia (AF) de Real para a realização da sessão e que o roteiro da visita iria ser dado pelo Presidente de um daqueles órgãos. A sugestão que tinha dado era dali de Nojões, olhassem para a freguesia de Real do Alto da Cruz até aos limites da freguesia com Sobrado, com S. Martinho, com Sardoura e com o Paraíso, darem a ideia do que era a área geográfica e o que se passava na freguesia. Interessava particularmente os residentes, como estavam de crianças, de velhos, de jovens, de trabalho, de desemprego, como estavam em relação às habitações, quantas casas novas existiam, quantas estavam abandonadas, se havia recuperações. Em relação às quintas agrícolas, quantas estavam abandonadas e quantas tinham cultivo. Também queria saber sobre as indústrias ou serviços que havia ou que faltavam, o abastecimento, a restauração, os bens alimentares, o talho a mercearia, como se vivia em Nojões ou que sacrifícios tinham para se abastecerem. Teriam também que fazer uma referência para algum significado mais cultural ou histórico e o que tinha a ver Nojões com o Foral. Poderiam olhar um bocado para o passado, mas o que interessava era o futuro. O que poderiam fazer com os eleitos de Real. Estava ali para ouvir e o desafio era grande. Não se podiam confundir competências e que a da AM era de fiscalização, mas também era de incentivo e de promoção e de desafio. A AF tinha funções idênticas no âmbito da freguesia. Os executivos eram a JF e a CM. Aquela reunião não era contra ninguém e era a favor da freguesia, do concelho e do papel de aproximação dos eleitos e dos eleitores. Dever-se-ia fazer uma monografia de Real que relatasse a memória do presente e que responsabilizasse o futuro.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF de Real, referiu que ao nível do contexto histórico não era por acaso que tinham começado em Nojões, porque tinham boas recordações de infância e que o concelho tinha começado ali, no Vilar. Ao nível do Executivo da JF e até ao final do mandato iriam fazer várias intervenções, como a construção de umas casas de banho, que eram necessárias, algumas reparações onde era a pré-escola e continuar o arranjo do jardim. Tinham colaborado com a

Associação de Nojões e esperava que o projeto que tinham proposto fosse alcançado, porque era de louvar. Havia uns caminhos que precisavam de uma intervenção, mas sem a colaboração da CM não era possível a sua realização. Quanto à questão histórica do lugar, não era a pessoa mais indicada para falar do mesmo, mas no executivo o que lhe interessava mais era olhar para o presente e para o futuro, realizar os trabalhos que tinham prometido na Campanha Eleitoral. Agradeceu a presença de todos.

António Pereira, como habitante de Nojões, perguntou se estava em mente a concretização do saneamento público. Pois era uma necessidade, porque as fossas estavam todas a virar para a estrada e eram todos penalizados. Como Presidente da Associação Cultural e Recreativa de S. Gonçalo de Nojões, referiu que tinha muitas dificuldades financeiras, que faziam uns convívios para angariar alguns donativos, que já tinham adquirido um terreno com quase 5.000m², mas que tinham mensalmente uma despesa com o mesmo de cerca de 350€. Solicitou à JF e à CM ajuda para se candidatarem ao projeto 2020, porque com 5.000€ podiam fazer um projeto para a construção da sede e ter valências para apoio aos jovens e aos idosos. Estavam a desenvolver a aproximação das pessoas do Lugar e que o projeto da Associação era apoio aos idosos e jovens com deficiências.

Maria Fernanda Soares referiu que representava os proprietários de Celeirós. Tinha um terreno e uma casa, pagava contribuição e precisavam de um caminho da variante para aquele lugar. Já tinham feito o pedido à CM e à JF, mas até à presente data ainda não tinham tido resposta. A casa estava desabitada, porque não tinha luz nem água, mas os terrenos estavam cultivados. Gostava de ter caminho em condições para passar para aquele lugar.

Presidente da AM solicitou se alguém estava habilitado para informar qual a população da área da freguesia até ao Alto da Cruz. Pretendia saber quantas casas estão abandonadas, quantas novas. Também tinha interesse saber que quintas estavam abandonadas, que áreas agrícolas estavam a ser retomadas e com que êxito e com que futuro.

Jorge Quintas referiu que era um gosto muito grande receber todos em Real. Questionou se os trabalhos da AM decorriam como uma AM normal e se o público intervinha no local do Adro ou se as intervenções eram só feitas daquela forma.

Presidente da AM esclareceu que no Largo do Adro estava previsto cerca de 2 horas para todos intervirem, mas as intervenções que fizessem pelo caminho não teriam de ser repetidas. Insistiu novamente para as questões que já tinha colocado em relação ao Lugar de Nojões. Gostava de saber o que aconteceu aos carvalhos que tinha ajudado a plantar nos 500 anos do Foral. Desafiava a JF a recolocá-los no sítio. Não tinha sido boa ideia tê-los destruído logo a seguir.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF, referiu que pela defesa da honra da JF, os carvalhos que foram plantados tinham secado e que se calhar foi pela inoperância de quem os plantou que eles não sobreviveram.



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Presidente da AM referiu que achava estranho que tivessem secado porque os carvalhos eram árvores muito resistentes.

António Pereira reforçou o que o Sr. Presidente da JF tinha dito, porque de facto eles secaram porque tinham sido mal plantados.

Presidente da AM referiu que já tinha plantado muitas árvores, mas iria replantá-los novamente.

Presidente da CM referiu que estava muito satisfeito em estar ali no Lugar de Nojões, porque tinha sido naquele lugar que tinha nascido e vivido. Nojões tinha uma componente histórica muito forte, porque neste Lugar foi feita a entrega do Foral em 1517. outrora foi o espaço mais importante do concelho, porque era realizada a feira e que no lugar havia variadíssimos negócios e muitas pessoas que de dedicavam às artes como alfaiates e sapateiros. A Associação local fazia tudo para conseguir juntar as pessoas do lugar e sobretudo que o mesmo continuasse a ter uma envolvência e vida. Na pessoa do Sr. António Pereira cumprimentava a Associação de forma amiga e transmitiu que a CM dentro das suas possibilidades iria dar apoio. Cumprimentava o Executivo da JF e da AF de Real, que tinham tido uma competência de trabalho ao longo do mandato e os propósitos que tinham para aquele lugar eram importantes. As casas de banho em Nojões eram um anseio antigo e que a CM iria dar apoio e colaborar. Quanto às acessibilidades, eram um dos principais problemas da freguesia por ter uma área muito grande que era mais de 30% do território do Concelho. Vão procurar resolver os problemas, num contexto muito apertado nestes últimos anos, sobretudo por força do empréstimo que começaram a pagar em 2014, o que significava mais 700.000,00€ no serviço da dívida da CM, o que significava que a margem de manobra para o investimento estava muito reduzida e mesmo com o esforço que tinham feito a nível de amortização, que estava na casa dos 8.500.000,00€, o que revelava um esforço muito grande. Tinham de estar atentos ao novo Quadro Comunitário que era a última grande oportunidade de investimento e de realizações nos próximos anos. Era um trabalho que estava a ser feito e Real iria ter um enfoque importante ao nível dos investimentos. O saneamento era uma questão muito preocupante, já tinham feito muito investimento e o saneamento em alta era uma realidade no Concelho, apesar de não ter uma cobertura a 100% e Real teria forçosamente de entrar no projeto de saneamento que iria demorar alguns anos até ficar concluído, mas já tinham feito as ETAR's do Castelo, de Sardoura e de Pedorido. Quanto à ligação a Celeirós, já a tinha colocado às Infraestruturas de Portugal, mas todos sabiam que era muito difícil licenciar uma ligação a uma variante, o primeiro parecer que veio era negativo, mas estavam a estudar uma alternativa para resolver o problema. Dava as boas vindas à sua terra e esperava que o dia fosse proveitoso para todos. Felicitava a iniciativa do Sr. Presidente da AM e o Sr. Presidente da JF por ter acolhido daquela forma.

Presidente da AM insistiu para que o Sr. Presidente da JF dissesse se havia crianças em Nojões e se havia escola e pré-escola. Insistiu também para que informasse das Quintas abandonadas, porque em Nojões estava uma das maiores Quintas

abandonadas, que era Almarde, que era extremamente grave, porque respeitavam a propriedade privada. Tinham de pôr em cima da mesa a função social da propriedade.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que logo à noite iam continuar com os trabalhos e por isso pediu que as questões fossem colocadas mais tarde e que as intervenções deveriam ser mais rápidas, porque a Freguesia era extensa e se não fosse assim não chegariam nem a metade. Iam seguir em direção ao Centro de Real com paragem na Ponte das Travessas e depois seguiam para Penela, Trelopenedo, Mó, Gildinho, Gilde, Seixo, Santo Adrião e para o fim do dia junto à Igreja de Real, o vale da Mota e o Loteamento do Outeiro.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF de Real, referiu que as principais razões por se ter parado na Ponte das Travessas era porque a própria ponte estava limitada no peso e era muito estreita para a circulação rodoviária. Chamava a atenção para o Rio Sardoura que estava assoreado, que já tinha alterado o seu curso e passava pelo meio dos campos destruindo as culturas. Era imprescindível o apoio da CM e, em conjunto, deveria fazer-se o desassoreamento. Quanto ao troço da estrada e à ponte referiu que havia um entendimento entre a JF e a CM para que fosse feito o alargamento da estrada e da ponte. Houve um desabamento que pôs em causa a estrutura da ponte e achava que esta situação exigia uma intervenção mais célere.

Presidente da AM referiu que tinha sido colocado uma questão importante que tinha a ver com o domínio hídrico e que tinha de se assegurar a limpeza das margens do rio.

Presidente da CM referiu que o problema dos rios quem tinha a tutela era a APA, Agência para a Defesa do Ambiente, e qualquer intervenção que fosse feita nos percursos dos rios tinham de ter a autorização por parte da APA. O que tinham assumido com a JF era que iriam fazer um trabalho conjunto para minimizar os efeitos daquilo que aconteceu. Quanto à questão da ponte era antiga, mas estavam a negociar com os proprietários e estavam a aguardar que tivessem luz verde para fazerem a intervenção de alargamento da Ponte e da zona envolvente.

Presidente da AM sugeriu que se deveria fazer uma reunião com todos os proprietários confinantes com o rio para se planear a sua limpeza.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que na visita que estavam a fazer a Penela, uma das razões porque estavam ali era porque ali não ter abastecimento de água ao domicílio e que a população de Penela constantemente solicitava isso à JF.

José Teixeira referiu que estava na sua terra natal e que existia um fontanário histórico de 1939 e esperava que no mesmo continuasse a correr a água que corria há muitos anos atrás.

Vitor Quintas Pinho Presidente, da JF de Real esclareceu que havia dois problemas em Penela: a falta de abastecimento de água pública e o outro era o reforço elétrico que já tinha solicitado, mas que ainda não tinha sido resolvido. Foi instalada uma



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

pequena indústria de serralharia e veio prejudicar mais ainda a baixa tensão da rede elétrica.

Presidente da AM referiu que se conseguiam ver muitas terras ainda cultivadas apesar das dificuldades assinaladas.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real referiu que iam seguir para Trelopenedo.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF de Real, referiu que no lugar de Trelopenedo uma das principais reivindicações era a rede elétrica, porque o poste elétrico mais próximo das casas ficava distante e junto à estrada nacional. Exigia-se a colocação, o mais rápido possível, da rede pública elétrica e seria necessário a colocação de 2 ou 3 postes junto à casa. Uma das ambições da JF era fazer uma ligação da Estrada Nacional para Stº. Iria passando por Trelopenedo, ficava mais rápido a ligação à Arouca e valorizava aquela região. Mas o compromisso que tinham era a colocação de luz até à casa do Sr. Nunes.

José Pinho Nunes, residente em Trelopenedo, referiu que o que estava a fazer falta era a luz, que tinha falta de sinal para a rede de telemóvel e que o caminho de acesso era melhor antigamente, porque os proprietários do terreno junto ao mesmo tinham feito obras e tinha ficado mais estreito na entrada. Quanto ao abastecimento de água, tinha água de furo e não da rede pública.

Jorge Quintas referiu que deveriam ver a importância que tinha o rio Sardoura e a fertilidade das terras com os campos todos cultivados e que ali também seria bom que houvesse uma ligação elétrica, porque ajudava ao cultivo dos campos. Se reparassem ao longo do Rio Sardoura havia bons campos agrícolas e a prova disso era os inúmeros moinhos que existiam no rio. Chamava a atenção para a riqueza agrícola do vale do Sardoura que empregava muita gente, porque a freguesia de Real era essencialmente rural.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF de Real, referiu que estavam no lugar dos Barreiros e que o objetivo era mostrar as dificuldades das pessoas que moravam ali e que ainda havia 4 ou 5 fogos. No verão o piso não era muito mau, mas no inverno era quase intransitável e o acesso às casas era muito difícil. As pessoas que ali moravam eram idosos e um rapaz com problemas físicos e que diariamente vinha uma ambulância buscá-lo. O objetivo da JF conjuntamente com a CM era fazer pelo menos uma intervenção nos primeiros 300 ou 400 metros do caminho. Esperava que a CM fosse sensível àquela situação e que em breve ajudasse a cumprir o compromisso que tinha sido assumido.

José Teixeira referiu que recordava que em Barreiros havia um acesso da Estrada Nacional ao lugar de Nogueira na Freguesia de Paraíso. Aquele acesso tinha uma subida, mas que depois era tudo plano e esperava que no futuro viesse a ser uma passagem entre as freguesias de Real e Paraíso que distava de 1,5Km.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, concluiu que havia 5 idosos e o Centro Social de Real tinha que percorrer aquele caminho 3 vezes ao dia.

Presidente da AM referiu que a questão dos idosos era muito importante, que os Membros da AM e os eleitos deveriam imaginar que no fim dos anos de uma vida, sem capacidade de autonomia para locomoção ou para deslocação por meios próprios, viver a esta distância. Isto interpelava a todos e que estes problemas deveriam estar em cima da Mesa.

Presidente da AM referiu que à esquerda ficava a Barragem do Seixo, que era um investimento público, que era um ponto importante do Rio Sardoura, que numa lógica de exploração imaginativa teria naturalmente um papel a desempenhar. O Presidente da AF de Real iria explicar porque razão os Membros da AM não podiam ir à beira da Barragem.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real esclareceu que podiam ir na carrinha ou a pé, mas não de autocarro, porque o acesso não era bom. Mas devido à circunstância que a barragem tinha, não era o acesso o mais prioritário a ser resolvido na Freguesia. Em termos turísticos a Lagoa do Seixo poderá ser um dos locais onde a autarquia poderia vir a desenvolver um projeto para uma zona de lazer.

Presidente da AM esclareceu que quando falavam da Barragem do Seixo era no empreendimento próximo da nascente do Rio Sardoura e que a ideia inicial seria o fornecimento de água à Vila de Sobrado. Havia obra feita e que continuava a ser um empreendimento a ter em conta.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real esclareceu que à esquerda ficava o Lugar da Feiteira que em tempos foi habitado, mas presentemente estava ao abandono e que havia 4 habitações todas em xisto.

Marta Teixeira referiu que uma pessoa chegava mais depressa ao Hospital de S. Sebastião saindo de Almansor e indo por Arouca do que se fosse pela estrada do baixo Concelho.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real referiu que estavam a passar no Gilde e que o lugar mais perto de Gondra, freguesia de Paraíso, era Gildinho, e pela estrada estava à distância de 7km. No Gildinho iam apenas dar a volta logo na entrada do lugar, aí havia 5 ou 6 habitações, mas recentemente foi restaurada uma casa para turismo rural. Em qualquer sítio ou em qualquer lugar se houver ideias conseguia-se recuperar os lugares.

António Pinto referiu que a casa de turismo rural era uma habitação antiga, que foi recuperada, mantiveram a mesma traça, tudo em pedra lousinha e que ficou com 5 quartos para receber turistas, no lugar de Gildinho.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF Real, referiu que no Gildinho mostrava a dimensão da freguesia, porque ficava no extremo contrário ao sítio onde iniciaram a caminhada, no Largo de Nojões. O problema do Gildinho era ficar distante do Centro da Vila de Castelo de Paiva e do Centro de Arouca. O Gildinho ficava no meio dos dois Centros e que em termos de acesso não era o pior da freguesia. Era preciso uma intervenção junto às Alminhas.



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que junto à Casa que foi recuperada para turismo rural, ao fundo, tinha umas Alminhas muito antigas. Ainda no tempo da Junta do Sr. Joaquim Gomes de Castro, foi deitada abaixo uma casa que estava em ruínas mas até à presente data não foram colocados paralelos para que os carros ao chegarem possam circular as Alminhas e regressarem, porque não havia outro acesso.

Presidente da AM questionou se a Casa de Turismo Rural tinha ocupação.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, esclareceu que sim, que a casa tinha ocupação, porque havia sobretudo pessoas da cidade que procuravam lugares longínquos com sossego.

Carla Freitas questionou se os proprietários da Casa de Turismo Rural eram do Concelho.

Joaquim Moreira da Rocha referiu que os proprietários eram de Matosinhos.

Jorge Quintas referiu que pelo facto de estarem distantes do Centro do Concelho de Castelo de Paiva e de Arouca não era impedimento nem era motivo para os lugares ficarem desertificados. A prova estava ali com uma unidade hoteleira de qualidade. Era um exemplo que a Freguesia de Real estava viva e que aqueles lugares não poderiam estar sujeitos a morrer lentamente numa agonia.

Presidente da AM referiu que tinham chegado duas informações à Mesa: qual a distância do Gildinho ao Gilde.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, esclareceu que era cerca de 2Km. Referiu que como podiam ver ali no Gilde, junto ao Campo da Bola, era um local agradável onde as pessoas se juntavam. Estas tinham pedido a colocação de uns bancos que ainda estavam em falta, mas até ao final do mandato, eles seriam colocados. Quanto à escola, estava desativada, porque havia poucas crianças e as instalações da escola estavam a ser utilizadas pela Associação local do Gilde que fazia atividades desportivas e promovia o convívio entre as pessoas do lugar.

Presidente da AM referiu que estavam no centro de convívio ao ar livre no Gilde.

Fernando Barbosa, do Gilde, referiu que há 3 anos tinham pedido para colocarem uns banquinhos e umas mesas e que ainda estavam à espera.

Presidente da AM referiu que ficava registado aquele pedido, porque era um lugar de convívio que não tinha mesas nem cadeiras e as pessoas sentavam-se na beira do muro.

Maria Clara de Pinho Ribeiro, Emilia Ferreira Soares e Constantino Feiteira de Bessa, do Gilde, referiram que eram necessárias as cadeiras e as mesas e que não precisava de ser coisa muito boa. Havia outras pessoas mais idosas que também vinham passar ali as tardes.

Vereador José Manuel Carvalho referiu que confirmava que o pedido tinha sido feito, que era uma reivindicação merecida por diversas pessoas e que dava a

sugestão de marcar a inauguração com um merendeiro, no lugar do Gilde, ainda durante o verão.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF Real referiu que junto da CM iria incentivar para que trouxessem as mesas e as cadeiras e se a CM não o fizesse faria a JF. Relativamente ao lugar de Gilde, e contrariamente ao que se passava no resto da freguesia, era um lugar promissor, que se vinha a desenvolver com gente jovem e com futuro. Mas tinha um problema com a água que chegava ali em péssimas condições e havia muitas reclamações nesse sentido.

Paula Alexandra, do Gilde, referiu que em relação à água tinha estragado roupa cara e que não sabia porque é que a água chegava escura.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF Real, referiu que era aquela a principal reivindicação do Lugar do Gilde e apelou à CM que resolvesse aquela questão o mais rápido possível. Quanto à questão da limpeza, aquele ano tinha sido terrível por causa da intempérie e não foi possível fazer a limpeza como o fizeram nos anos anteriores, mas o objetivo era o mais rápido possível efetuá-la.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, que era um gosto vir ao Gilde, mas tinham um itinerário a percorrer e não podiam estar ali mais tempo.

Presidente da AM referiu que a primeira vez que a AM reunida em AM veio ao Gilde, não queriam esquecer nada nem ninguém e queriam ir onde estavam as pessoas e os problemas.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real convidou todos a estarem presentes na reunião que continuava no Adro da Igreja.

Presidente da CM cumprimentou todos os presentes e referiu que a questão da água era um assunto que o preocupava, não só no Gilde, mas noutras lugares da freguesia. Tinham tentado minorar os efeitos com o uso de alguns materiais e de alguns produtos, mas nem sempre tinham o resultado que era desejado, mas ia tentar no futuro resolver o problema em definitivo. Só faltavam os bancos e as cadeiras e confessou que já tinham estado para vir, mas os materiais não eram adequados, mas dentro em breve iria arranjar solução.

Presidente da AM referiu que tinham terminado no Gilde, na Associação Sócio Cultural Recreativa do Gilde, e por indicação do Presidente da AF de Real iriam continuar os trabalhos dando a volta ao Lugar de Gilde, iriam na direção do Lugar do Seixo.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que iam fazer uma breve paragem junto à capela de S. José de Gilde, porque havia uma reivindicação da Comissão de Festas de S. José de Gilde que queria fazer ao Sr. Presidente da CM.

José Pereira, Presidente da Comissão de Festas de S. José de Gilde referiu que era uma grande necessidade haver ali umas casas de banho nas traseiras do edifício da Comissão de Festas.



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Presidente da CM esclareceu que já tinha conhecimento daquela pretensão e iam tentar analisar as prioridades.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que dava os parabéns à Comissão de Festas de S. José de Gilde pelo magnífico trabalho que tinham feito no Lugar pela dinamização da Festa. O local onde estavam era onde faziam muitas atividades para angariarem dinheiro para a festa, como os torneios de sueca e outros. Convidou todos os presentes para estarem presentes na sessão plenária, no Adro, às 21.30h.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF Real, referiu que estavam no Lugar de Seixo que era o mais próximo de Arouca. Este lugar tinha vários problemas, um deles era a pavimentação, porque o acesso era péssimo e outro era a água que chegava em más condições.

Presidente da CM referiu que era um lugar que conhecia bem e a CM e a JF vinham ali frequentemente e sabiam quais as grandes necessidades daquele lugar e que tinham um conjunto de pessoas que zelavam muito por ele. Quanto à questão da água, era complicado em Real, porque os lugares eram dispersos e as ligações das condutas eram bastantes dispendiosas e difíceis de concretizar, mas estavam nas principais preocupações do Executivo.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que no Lugar do Seixo tinham cerca de 12 casas habitadas, 2 abandonadas e também havia casas recuperadas e não era um lugar a desaparecer.

Jorge Quintas referiu que o lugar do Seixo era de gente muito boa, que tinham uma particularidade muito engraçada, porque não se via ninguém, mas sabiam que estavam ali, não eram desconfiados mas sim cautelosos. De facto, havia um problema de acessibilidade e que já tinha tido oportunidade de reportar ao Sr. Vereador que viviam no Lugar duas pessoas com deficiência. Uma delas, deficiente motora, tinha uma cadeira elétrica, mas não lhe dava utilidade nenhuma devido à calçada. Os bombeiros durante inverno tinham dificuldade em prestar assistência às pessoas, porque as ambulâncias não conseguiam subir, era um lugar frio e gelava o piso. Dever-se-ia ter mais atenção ao Lugar do Seixo que não era para desaparecer.

Presidente da AM referiu que só para confirmar o que o Jorge Quintas tinha dito em relação à alma do povo do Lugar do Seixo, ia ler o dístico de azulejo cravado na parede “vizinhos do pé da porta, quando não sejam leais, bom dia uma vez por dia, já são conversas demais.”

Presidente da AM referiu que como só tinha ido uma delegação ao Lugar do Seixo o Presidente da AF de Real ia resumir o essencial do trabalho.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, esclareceu que o Lugar do Seixo reclamava do abastecimento de água, porque não chegava em condições. Tinha uma calçada à antiga portuguesa e que havia pessoas com profundas deficiências, que tinham cadeiras elétricas, mas não conseguiam fazer uso delas porque o piso

não permitia. Havia 12 casas habitadas e era um lugar que não podia ficar esquecido e ficava próximo da nascente do Rio Sardoura.

Presidente da AM questionou qual o número de eleitores e de habitantes da freguesia de Real.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, esclareceu que havia 1205 eleitores e habitantes cerca de 1800. Iam na direção do Monte de Santo Adrião que era o ponto mais alto do concelho de castelo de Paiva com cerca de 700 metros. A área da freguesia de Real era de 34kms2.

Presidente da CM referiu que a Freguesia de Real tinha 73 da área do Concelho. As Freguesias de Real e Paraíso tinham 50% do território do Concelho de Castelo de Paiva.

Presidente da AM referiu que a Freguesia de Real tinha problemas muito específicos e onde viviam pessoas, algumas delas em locais muito distantes, com problemas graves de acessibilidades devido também à idade. Havia idosos em cadeiras de rodas que punham desafios especiais aos eleitos locais e que não podiam passar à margem. Como estavam atrasados não iam parar no Santo Adrião.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que estavam a passar na Fábrica de Moveis "JOSINAL", que à direita ficava o lugar da Mó, no alto ficavam os Barreiros onde já tinham passado, também se via Friamil. Estavam em Bertelo e iam em direção ao Chão da Carraçosa, onde já existiu uma escola primária. Em relação à Festa de Santo Adrião, realizava-se 40 dias após a Páscoa e que a procissão saia da igreja matriz, sempre a subir em direção ao alto do Santo Adrião e demorava 2 horas até ao cimo.

Presidente da AM questionou qual era a história de quando não chovia tinham de mergulhar a cabeça ou os pés do Santo Adrião no Rio Sardoura, em Real, antes de o trazer novamente para o cimo do Monte e depois molhavam-se todos antes de chegar lá abaixo. O Santo Adrião ia para Real para ao pé da Senhora da Saúde e depois voltava outra vez para a sua capela.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, esclareceu que rezava a lenda que quando o tempo ia demasiado seco e não chovia vinham buscar o Santo Adrião à Capela, colocavam-no na Igreja Matriz e a chuva vinha.

Presidente da AM referiu que, às vezes, vinha a tempestade de castigo e havia um dilúvio, as águas engrossavam e havia as enchentes do Rio Sardoura e houve uma grande enchente em 1964.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que naquela altura houve uma tromba de água que caiu sobre o Monte de Santo Adrião e provocou uma enchente.

Presidente da AM referiu que se lembrava muito bem, que era num domingo, o seu pai tinha ido à Missa em Nojões, e foi dado o alarme do Alto da Cruz para baixo, foi de boca em boca, porque era necessário prevenir, porque a tromba de água foi tão localizada, que ao contrário das enchentes em que o rio vai crescendo, naquela



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

altura foi tudo de uma vez e então a água quando chegou a Almarde, os campos ainda estavam com o milho por colher e a água era como um grande penedo, saltava para fora das margens, era um grande penedo aos trambolhões, derrubou choupos, as videiras e algumas casas. Em Vila Verde a casa da ponte foi inteira pela água abaixo. Depois houve várias enchentes no Rio Sardoura, que levou muitos moinhos pelo rio abaixo. Convinha terem presente que o Rio Sardoura de vez em quando saltava das margens como tinha acontecido naquele ano e era preciso cuidado com as construções e outras coisas e terem cautela.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real referiu que estavam a chegar ao Monte de Santo Adrião, que tinha uma das melhores paisagens de Castelo de Paiva. A Comissão de Festas do Santo Adrião tinha uma reivindicação a fazer.

Manuel Ferreira Soares de Pinho, Presidente da Comissão de Festas de Santo Adrião, referiu que pretendiam que a estrada fosse alcatroada. A CM, durante a festa, disponibilizou carrinhas de saíbro, mas não se espalhou porque iam piorar o caminho.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da Junta de Freguesia de Real, referiu que uma das reivindicações que fazia a Comissão de Festas era os acessos ao Monte de Santo Adrião, à semelhança do que acontecia com o S. Domingos que tinha bons acessos, o Santo Adrião não os tinha, e este podia ser um ponto turístico para a freguesia de Real e para o Concelho de Castelo de Paiva. O acesso dificultava a vinda ao cimo do Monte, mas como podiam ver as vistas eram extraordinárias. Para além das festas que se faziam todos os anos, havia famílias que vinham fazer piqueniques e se os acessos fossem adequados mais famílias viriam ao longo do ano. Era uma situação que queria ver resolvida na freguesia.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que à direita era o Concelho de Arouca, via-se a Senhora da Laje, na Serra da Freita e também se via a Senhora da Mó. Convidava a todos que viessem bem acompanhados à noite, porque era ainda mais bonita a vista. Para o outro lado ficava Nespereira, Vila Viçosa e no alto viam-se as torres eólicas do Montemuro.

Presidente da AM referiu que o acesso estava muito mau, que o ano tinha sido muito chuvoso, mas o que ficava registado era que quem ia a S. Domingos e vinha a Santo Adrião, parecia um Concelho diferente.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da Junta de Freguesia de Real, referiu que era uma diferença muito grande entre o acesso ao Monte de S. Domingos e ao Monte de Santo Adrião.

Presidente da AM questionou qual era a área à volta da capela que pertencia à Fábrica da Igreja

Manuel Ferreira Soares de Pinho, Presidente da Comissão de Festas de Santo Adrião, referiu que era toda aquela área onde passou o autocarro, que antes era só de volta da Capela, mas os vizinhos que tinham as leiras do Monte a toda a volta do Largo, doaram à Fábrica da Igreja os terrenos.

Presidente da AM referiu que o pedido tinha ficado registado, mas era necessário que a Fábrica da Igreja fizesse o pedido por escrito.

Presidente da CM referiu que havendo propriedade privada tinha que haver pedido para justificação das obras e poderia enquadrar-se em alguma candidatura a fundos comunitários.

Presidente da AM referiu que estavam a descer o Monte de Santo Adrião e iam passar pelo cemitério, para honrar e engrandecer dois grandes vultos da Freguesia de Real, Joaquim Quintas e Joaquim Gomes de Castro. Só iam depositar uma coroa de flores por parte da AM, da CM, da JF e da AF. Era uma cerimónia simples com um minuto de silêncio, depois iriam para o Vale da Mota.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que para concluir em relação ao Santo Adrião, quando disse que a procissão era sensivelmente duas horas de percurso, havia muita gente que faziam o percurso descalça e algumas com bebés ao colo. Em relação à ida ao Cemitério, informou que o Sr. Joaquim Gomes de Castro, além de tio, também era padrinho de Joaquim Quintas

Presidente da AM referiu que em Nojões, a escola já tinha acolhido crianças de S. Martinho de Sardoura. Isto era importante, porque era um dos pontos da Agenda.

Vitor Quintas, Pinho Presidente da Junta de Freguesia de Real, referiu que estavam no Vale da Mota e que um dos problemas do loteamento do Vale da Mota era o saneamento básico e que os esgotos dos fogos corriam todos a céu aberto e caiam onde era a antiga Pré-Escola e sem nenhum tipo de tratamento. Já não era uma questão de necessidade, mas sim uma questão de saúde pública. Para além da bicharada que aquele problema trazia, tinham a questão de uma queda, porque se alguém caísse pela rampa nunca mais saia de lá, porque ficava completamente atolado. Chamou a atenção da CM, porque aquele sítio até era interessante para fazer um parque de merendas ou um jardim infantil, tinha o sítio desaproveitado e tinham ali casas ao lado. O terreno era da JF e apelou à CM no sentido de ser resolvido o mais urgente possível.

Jorge Quintas referiu que aquele problema era herdado e foi sempre adiado. O problema que o Presidente da JF tinha referido estava à vista de todos, mas o pior e mais perigoso é que estavam escondidos três tanques com 80 mil litros de esgotos cada, se passassem na estrada nacional poderiam ver que já tinha havido terreno que cedeu. Era um perigo, porque as tampas não tinham muita segurança, havia muitas crianças e se uma delas fosse atrás de uma bola e caísse ali era uma desgraça. Era um problema gravíssimo o do saneamento e achava que a CM também era importante para resolver o problema, mas tinha que ser resolvido, que além de ser uma questão de saúde pública, comparava aquilo ao terceiro mundo.

Presidente da CM referiu que aquele era um problema da Freguesia que a CM bem conhecia e que já tinham investido ali uma quantidade de recursos financeiros e materiais para minimizar aquele problema. A Escola já não existia ali, na altura havia o risco de terem problemas com a edificação e o risco mais agravado com a deslocação de terras daquele espaço. Aquela questão tinha de ser tratada ao nível



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

das Águas do Norte, porque o Município por si só não tinha condições financeiras para conseguir criar uma solução para aquele problema. Eram muitas casas a drenar e em situações de chuvas tornava-se um problema muito mais difícil de tratar. Estava convencido que com as Águas do Norte iriam resolver os problemas. Sabia que se uma situação destas fosse exposta a uma entidade fiscalizadora, corriam o risco de haver penalizações muito graves e que pagariam muito mais do que o valor da obra em si, porque as questões dos crimes ambientais eram muito complicadas e poderiam ter muitas consequências para as populações que drenavam para aquele espaço.

Presidente da AM referiu que o problema estava colocado em cima da mesa era naturalmente uma questão de emergência. Quanto às questões de segurança, havia sempre hipóteses de fazer vedações para não se dramatizar se alguém cair.

Presidente da CM referiu que a CM fez um investimento de 25 mil euros, criando uma série de poços novos para conseguirem alargar as águas, mas aquilo era um espaço muito reduzido.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que estavam no loteamento do Outeiro e o que viram no Vale da Mota era idêntico ali. Já havia várias edificações e uma delas era o Centro Social de Real. As fossas que ali foram colocadas não absorviam todos os esgotos e, como podiam ver, seguiam a céu aberto para a ribeira e depois para o Rio Sardoura. O Sr. Presidente da JF dizia que enquanto tivessem caminhos em terra batida não se iam calar para que eles fossem intervencionados, mas naquele momento o saneamento básico era a maior preocupação da Freguesia de Real e exigia que isto fosse levado a sério e acautelado.

Vitor Quintas Pinho, Presidente da JF de Real, referiu que relativamente a esta questão ia no seguimento do que se passava no Vale da Mota. O riacho de águas sujas que vinha do Loteamento do Outeiro continuava a céu aberto e para além dos maus cheiros impediam a cultura da vinha, de serem colhidos e nas casas vizinhas era insuportável viver.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que como puderam ver durante a tarde foram mostrando o que era preciso fazer na Freguesia. As coisas aqui não estavam bem e que precisavam de ser melhoradas, mas também havia coisas boas que foram feitas e iam passar numa intervenção que foi feita no Lugar de Crasto, onde foi alargado o caminho e alcatroado.

Presidente da AM referiu que os órgãos autárquicos de Real pretendiam que ainda se fosse visitar a Igreja, o que significava a alteração à Ordem de Trabalhos que ratificaram em Nojões, que teria de ficar sem efeito por manifesta falta de tempo. Dado o adiantado da hora propunha à AM continuar os trabalhos durante mais algum tempo ou interrompe-los, sendo que a consequência imediata da interrupção era que iam entrar pela madrugada dentro com os pontos da Ordem de Trabalhos.

Verificado o atraso que se registou, a AM aprovou por unanimidade que se continuasse os trabalhos pelas 21.30h.

Presidente da AM referiu que estavam na Igreja de Real que era um dos Edifícios mais importantes do Concelho

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que a Igreja de Real era a única considerada de monumento concelhio. Como podiam ver era uma Igreja muito valiosa que estava as precisar de obras. A autarquia deveria olhar para esta Igreja, para o seu restauro interior e exterior. Na Senhora da Saúde são centenas de pessoas que se dirigiam à Igreja para fazerem as suas promessas e andavam de joelhos à volta da Igreja e que iam poder ver em que condições. Era preciso uma intervenção para qualificar ainda mais aquela linda Igreja. Solicitou à Autarquia, se fosse possível, no enquadramento do 2020, não esquecesse a Igreja e o seu exterior.

Presidente da AM referiu que tinha enviado o convite ao Sr. Padre para estar presente, mas não lhe foi possível estar. A Igreja era uma instituição muito importante para Real, e que Real não teria sido o que foi, nem era o que era se não fosse o papel relevantíssimo da Igreja. Aquela Igreja enchia de orgulho Castelo de Paiva. Obviamente restaurar a pintura deve ser muito trabalhoso, a questão era se só devia ser encargo do Município ou não, mas de qualquer modo eram problemas das pessoas de Real, mas também do Município e que deviam ser mantidos na agenda.

Jorge Quintas referiu a Igreja de Real, se reparassem bem a riqueza de toda a talha que retratava a vida de Jesus Cristo, estava num ponto de rutura máximo e se não fizessem uma intervenção de fundo, corriam o risco de fazer desaparecer aquela obra riquíssima, provavelmente a mais rica do Concelho. A Igreja já tinha sofrido um ataque gravíssimo na Capela-mor em que o teto de cortiça, com cenas bíblicas com autorização do Padre, por ignorância, foi retirado e foram colocados azulejos na parte lateral que pouco significavam aquele espaço. Se reparassem nos altares em talha dourada que não conheciam nenhum restauro há dezenas de anos. O património religioso, que podia ser enquadrado numa rota de turismo, corria sérios riscos. O restauro daquela obra andava na ordem de centenas de milhares de euros. Mas não era impossível, porque o que era importante era a vontade de fazer as coisas. Assim houvesse, por parte do Executivo e de todas as forças vivas do concelho e da terra de Real, força para que as coisas acontecessem. No exterior havia um pormenor que era um desenho de rabo de porco em relevo. Diziam que aquilo pertencia a uma espécie de uma côngrua que era dada ao sacerdote que exercia as funções na paróquia. Quando se matava um porco era dado ao Padre da paróquia a quantidade de carne que cabia naquele rabo. A grandeza da igreja também era um retrato da grandeza da Freguesia de Real, porque para terem uma Igreja com aquela dimensão e com aquela riqueza, que supostamente tinha 300 anos e se recuassem no tempo para fazer uma obra daquelas, tinha que ser uma terra farta e rica.

Alexandre Lopes, Presidente da AF de Real, referiu que se olhassem para a parte de trás, mais recentemente foi adquirido um órgão de tubos, que era seguramente único no Concelho e tinha vindo enriquecer ainda mais a Igreja



MUNICÍPIO DE CASTELO DE PAIVA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Presidente da AM referiu que ficava também registado o problema da conservação e restaura da Igreja de Real. Esperava que pudesse a vir a ser ponderado, necessariamente com um perito com parecer prévio, para não se fazer asneiras.

Jorge Quintas referiu que esteve recentemente na Igreja o Bispo do Porto que tinha ficado impressionado com a riqueza da Igreja. Se as autoridades religiosas e as autoridades civis fizessem a parte delas achava que isto não ia desaparecer, o que seria um grande crime.

Presidente da AM interrompeu os trabalhos para o jantar.

